



## As cicatrizes do gesto: exílio, vida nua e subjetividade na narrativa “After Hours”, de Cristina Peri Rossi

### *The scars of the gesture: exile, crude life and subjectivity in Cristina Peri Rossi’s narrative “After Hours”*

Carlos Augusto Magalhães

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia / Brasil

carlosmagal@terra.com.br

**Resumo:** O artigo intenta discutir os aspectos socioculturais e existenciais dos deslocamentos humanos na narrativa “After Hours” do livro *Espaços íntimos*, de Cristina Peri Rossi. O texto busca, sobretudo, observar as interações dos migrantes com o tempo-espaço na atualidade, sem se perder de vista a inadequação de leituras polarizadas. Ampliam-se as noções de migração, a partir da observação das relações intersubjetivas decorrentes da migração de valores, éticas, sonhos, desejos que se imiscuem na dialética das relações do sujeito com o Outro.

**Palavras-chave:** tempo-espaço; subjetividade; não lugar; migrações; Cristina Peri Rossi; neorealismo.

**Abstract:** The objective of this article is to discuss the sociocultural and existential aspects of human displacement in the narrative “After Hours” in Cristina Peri Rossi’s book *Espaços íntimos*. The aim is mainly to point out the interactions of migrants in the current time and space without losing sight of inadequate polarized readings. The notions of migration are expanded by observing the intersubjective relationships which result from the migration of values, ethics, dreams and wishes that intertwine the dialectic of relationships between the subject and the Other.

**Keywords:** time and space; subjectivity; non-places; migrations; Cristina Peri Rossi; neo-realism.

## Navegando por idas e vindas da migração

Os movimentos migratórios ocupam importante lugar na história do Ocidente. Desde sempre, esses deslocamentos colocam um Eu em contato direto com o Outro, aproximação que faz com que a dupla passe a vivenciar situações, a princípio, novas ou não habituais. Os contatos apresentam-se plenos de surpresas, *nuances*, ambiguidades, enfim, os encontros desencadeiam percepções que ganham corpo no imediatismo e rapidez das trocas diversas. O deslocar-se e o recepcionar, gestos com que se envolvem o imigrante – o estrangeiro, o “de fora”, o desconhecido – e o da terra – o fixado, o inscrito, o ancorado na segurança do lugar e cultura que lhe são familiares –, apresentam-se também como ricas oportunidades de reflexões e de elaborações direcionadas à importância da convivência com as diferenças às quais todos nós devemos respeito.

A troca é a base em que se assenta a alteridade, proposição sociofilosófica que desencadeia implicações que desaguam na necessidade de o indivíduo se postar e se sentir no lugar do Outro. Identidade e alteridade constituem um binômio desafiador e fundamental à vida social. Convém observar que nem sempre o “estrangeiro” é o peso incômodo no seio da comunidade de origem, candidato a nômade e a errante, indivíduo de vida nua prestes a ser um passageiro da “nau dos insensatos”, a ser despachada para um local qualquer onde ele viveria as desditas da condição de “*atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável”.<sup>1</sup> A história e a literatura colocam os movimentos colonizadores, liderados principalmente por países europeus, como imagens invertidas em termos dos modos como costumeiramente se retratam o imigrante e o instalado. As bases históricas mostram que os movimentos migratórios normalmente não são receptáculos em que se resgatam tranquilamente os jogos de alteridade e a mescla pacífica de valores, crenças, enfim, culturas. Ao contrário, há relatos de práticas de exploração econômica, extermínio de nativos e violência e imposição culturais.

Em outra direção, observem-se certos gestos e os resultados que eles imprimem – ricos e inapagáveis sinais deixados na terra colonizada, os quais vêm a se constituir como inegável patrimônio artístico-cultural, a exemplo do que se constata em muitas partes da América Latina. O desejo e a concretização de investimentos no mundo das representações

---

<sup>1</sup> BOURDIEU. Um analista do inconsciente, p. 11.

apontam como os processos de desterritorialização do imigrante podem ser seguidos por ações de significativa reterritorialização. Embora o exílio, conforme palavras de Edward Said, seja lido como “uma fratura incurável entre um ser humano e o lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar”,<sup>2</sup> as cicatrizes deixadas na terra vêm a ser sinais de natureza diversa – geografias simbólicas, ricas e indeléveis, plantadas no solo estrangeiro. Explicitam-se, sem dúvida, indícios e registros de reterritorialização que engendram novas modalidades subjetivas.

Importante ressaltar que as ambivalências em que se imiscuem o imigrante e o assentado apresentam matizes dos quais brota o alerta sobre a necessidade de se estabelecerem olhares distanciados de propostas, abordagens e leituras polarizadas e simplistas. Observe-se que na dupla deslocar/recepcionar enredam-se também experiências que se identificam com sentidos de “incidências subjetivas”. Contardo Calligaris afirma que “por não ser individual, mas aparentemente coletivo ou efeito de vivências coletivas, [o fenômeno migratório] não afeta menos o que há de mais singular em cada um”.<sup>3</sup> As questões de ordem prática e coletiva ganham posições dianteiras nas preocupações do imigrante, mas, no silêncio de cada um, esboçam-se densos registros emocionais que se interligam com modos profundos e singulares de viver a solidão do indivíduo deslocado de seu mundo. A busca permanente por inclusão e aceitação, em termos não somente da ancoragem econômica, mas também da conquista de referências e de autoestima, reforça a imagem do imigrante como signo, por excelência, do amálgama presente no jogo realização e frustração, aceitação e rejeição, inclusão e exclusão, conquista e fracasso. Para além das questões de cunho objetivo e documental, o imigrante deve ser analisado, conforme explicitações de Charles Melman, como

[...] um sujeito que se desloca na estrutura, deixando para trás sua filiação e sua língua materna e buscando um lugar onde procura fundar uma outra família, uma outra ordem. [Há que se indagar] sobre a natureza dessa subjetividade, ou seja, de que sujeito se trata quando há ruptura tão radical.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, p. 46.

<sup>3</sup> CALLIGARIS. Apresentação, p. 11-12.

<sup>4</sup> MELMAN. *Imigrantes*, orelha do livro.

## Perambulando pelo tempo-espaço contemporâneo

Os deslocamentos e as migrações guardam estreitas relações com os modos de viver as instâncias do espaço e do tempo. David Harvey cunha o conceito de “compressão do tempo-espaço”,<sup>5</sup> noção com que se qualificam as avassaladoras interações do sujeito contemporâneo<sup>6</sup> com aquelas categorias existenciais. O capitalismo tem realizado a reificação e a aceleração do ritmo da vida, como também tem estabelecido mecanismos que possibilitam o encurtamento das distâncias, fenômenos que desencadeiam a sensação de que o mundo se torna cada vez mais próximo e mais diminuto. Além dos eficientes meios de transportes que literalmente diminuem as distâncias, a tecnologia sofisticada dos veículos de comunicação possibilita que imagens sejam disponibilizadas simultaneamente aos acontecimentos por elas reproduzidos. Tudo se integra e contribui para que o mundo continue sendo caracterizado por meio da clichêizada metáfora da “aldeia global”.

Hoje, nestes tempos pós-utópicos, reino da “modernidade líquida”, ganha realce certa maneira de se viver a esfera temporal, modo por meio do qual o sujeito contemporâneo se detém predominantemente no tempo presente, vivido como um momento continuado, como um tempo sempre atual que se alonga e não estabelece sentidos e interações com as instâncias do passado e do futuro. Em formulações que se encaminham para a discussão do espaço, Jameson adverte que “[...] agora habitamos a sincronia e não a diacronia”, o que vale dizer que a dimensão espacial vem suplantando a configuração temporal. Afirma o teórico que “[...] nossa vida cotidiana, nossas experiências psíquicas, nossas linguagens culturais são hoje dominadas pelas categorias de espaço e não pelas de tempo, como o eram no período anterior do alto modernismo”.<sup>7</sup> É evidente que os estranhamentos percebidos nos modos de se viver quer o espaço, quer o tempo, quer as duas instâncias imbricadas – maneira mais próxima do que costuma acontecer hoje – refletem-se nas relações travadas com fenômenos de natureza social, cultural, política. As simplificações presentes nas relações com o tempo se identificam com

---

<sup>5</sup> HARVEY, *A condição pós-moderna*, p. 219 e ss.

<sup>6</sup> O sentido de contemporâneo refere-se basicamente aos dias atuais. Não há enfoque das noções tematizadas por Giorgio Agamben (Cf. AGAMBEN. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*).

<sup>7</sup> JAMESON. *Pós-modernismo*, p. 43.

certas filosofias imediatistas e de cunho pragmático, semelhantes à que, entre outras, apregoa que se deve viver um dia de cada vez, sem vínculos com o “antes” e com o “depois”. Também Bauman tece considerações:

[...] não *controlar* o futuro, mas *se recusar a empenhá-lo*: tomar cuidado para que as consequências do jogo não sobrevivam ao próprio jogo e para renunciar à responsabilidade pelo que produzam tais consequências. Proibir o passado de se relacionar com o presente. Em suma, cortar o presente nas duas extremidades, separar o presente da história. Abolir o tempo em qualquer outra forma que não a de um ajuntamento solto, ou uma sequência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num *presente contínuo*.<sup>8</sup>

A postura identificada com a proposta de viver acima de tudo o momento presente – o agora – interfere, por certo, na construção e caracterização da trajetória das gerações como também na configuração da história pessoal do sujeito. Em última análise, o caráter escorregadio das interações com o tempo-espaço se reflete na mobilidade dos valores, éticas, princípios, desejos, aspirações – “liquidez” que repercute na inconsistência e fragmentação também das identidades em geral.

Focando-se a imigração, convém não perder de vista que o deslocar-se do sujeito no espaço se irmanaria com uma sensação de desarrumação de si, uma vez que se instaura um sentimento de desestruturação dos elementos garantidores da segurança disponibilizada pela identidade e pelas relações com o lugar de berço. A mudança espacial – o afastamento físico do território – se alinha com o decurso do tempo, percepção que se esboça a partir da plena incorporação das vivências na terra da qual há o distanciamento agora. Reforça-se que as experiências sedimentadas imprimem o sentimento do transcurso do tempo vivido no chão materno. Imbricam-se, assim, tempo e espaço, categorias com cujas efetivas experiências<sup>9</sup> se constroem o sentido de trajetória existencial do sujeito, de gerações e do percurso de um país na história.

---

<sup>8</sup> BAUMAN. *O mal-estar da pós-modernidade*, p. 113, grifos do autor.

<sup>9</sup> Vivência e experiência são conceitos tematizados por Walter Benjamin e discutidos por Sérgio Paulo Rouanet. Ao analisar o texto de Benjamin, Rouanet relaciona os princípios ali expostos com a teoria freudiana, buscando, assim, estabelecer correlações entre memória e consciência, no propósito de uma crítica da cultura. A experiência

As imigrações colocam em cena processos de desterritorialização normalmente acompanhados de procedimentos de reterritorialização,<sup>10</sup> demandas que dão ensejo a novas subjetividades. Esses movimentos, que costumam alargar e/ou encurtar fronteiras, desencadeiam e instauram rearranjos não somente espaciais, mas também políticos, sociais, antropológicos, os quais continuamente desafiam os modos de representação levados a efeito, entre outros, pelo campo literário. Na cultura brasileira, feições de imigração costumam ser representadas pela literatura e pelo canção popular. É o que se nota em narrativas como as de Graciliano Ramos e, mais recentemente, Antônio Torres e em emblemáticas canções de, entre outros, Patativa do Assaré, Luís Gonzaga e Jakson do Pandeiro, poeta, escritores e cantores aqui trazidos a título de ilustração.

Inquietas e inovadoras têm sido as proposições abraçadas pela literatura contemporânea, uma das quais é a vertente identificada com a oportuna restrição à mimese de caráter documental – a narrativa realista comprometida com a observação e construção do inventário da realidade. A proposta de referencialidade não mais se ajusta às recriações dos complexos desafios do mundo e do sujeito atuais. É como se as novas relações políticas, as novas geografias, os novos redesenhos do mapa-múndi e as novas posturas e comportamentos estivessem a requerer geografias e cartografias narrativas à altura das reconfigurações espaço-temporais e existenciais que o século XXI vem demandando. Como explicita Izabel Margato,

[...] a larga produção neo-realista aponta para uma nova tomada de consciência da realidade que passa a integrar

---

caracteriza-se por ser a esfera na qual a memória acumula impressões, sensações, sentimentos, excitações que jamais se tornam conscientes e que, transmitidos ao inconsciente, deixam nele traços mnemônicos duráveis, isto é, recursos que facilitam a aquisição e a conservação da memória. A memória e a experiência são, assim, elementos preservadores das raízes e da identidade do ser. Pertencem à esfera da vivência, as impressões, cujo efeito de choque é interceptado pelo sistema percepção-consciência, e as quais se tornam conscientes e, por isso mesmo, desaparecem de forma instantânea, sem se incorporar à memória. Essa interpretação da teoria freudiana do choque constitui o fio condutor da crítica cultural de Walter Benjamin.

<sup>10</sup> Os conceitos de “desterritorialização” e “reterritorialização” foram desenvolvidos por Gilles Deleuze e Felix Guattari e utilizados pela primeira vez em *O anti-Édipo*.

estratos sociais cada vez mais amplos da sociedade. Percebido com os olhos do século XXI, é possível compreender a incorporação da dimensão do Outro não apenas no canto poético, mas em toda a sua manifestação estética, que não anula o sujeito singular, mas o articula com o sujeito coletivo, estampando na arte neo-realista um caráter positivo no sentido da confiança no processo histórico-social.<sup>11</sup>

É com o olhar voltado para ambos os sujeitos, o singular e o coletivo, quer o de vida despojada, quer o de vida soberana, como também para processos de migração e para a desterritorialização e reterritorialização, elementos com que os sujeitos se envolvem, que se pretende proceder, entre outros aspectos, à discussão do conto “After Hours”, integrante da antologia *Espaços íntimos*, de Cristina Peri Rossi. A condição de imigrante, como tal desterritorializada e reterritorializada, se torna adequada e faz jus à história pessoal da escritora. De nacionalidade uruguaia, ante a iminência da instalação da ditadura militar no país de origem e do risco da própria prisão, a jovem migra nos anos 1970 para a Espanha, onde se fixa exatamente em Barcelona, cidade na qual vive até hoje. Sem dúvida, Peri Rossi se reterritorializara e hoje é uma escritora reconhecida e premiada não só na Espanha.

Distanciando-se dos aspectos relacionados ao texto de natureza documental e, como tal, comprometido com o caráter testemunhal das peripécias do imigrante, a produção de Peri Rossi investe nas sutilezas vocabulares, imagéticas, nos arranjos verbais e narrativos e, sobretudo, nas cativantes temáticas com que se realiza o mergulho nos universos recônditos dos personagens e dos movimentos migratórios. Aqui, não se descuidará jamais do aludido ponto de vista de Contardo Calligaris, para quem a singularidade existencial do imigrante jamais pode ser desprezada.

### **Deambulando por “lugares” e “não lugares”**

A antologia *Espaços íntimos* elege como tematização central as migrações contemporâneas, que se caracterizam por ser não somente deslocamentos humanos direcionados a espaços outros, que ofereceriam melhores condições de vida. Há imigrações identificadas com aspectos

---

<sup>11</sup> MARGATO. Apresentação, p. 10.

mais densos e profundos, pois envolvidos com “incidências subjetivas” que se desdobram em violações dos “espaços íntimos” de cada um. Recriam-se quadros da contemporaneidade no concernente a discutíveis práticas sociais e individuais que levam o sujeito a migrar, a se afastar de si próprio, condição que o torna vulnerável a interferências, agressões e abdições que incidem no que há de mais recôndito, mais verdadeiro e mais valioso do seu intimismo. Colocam-se à prova valores, princípios, normas, éticas que se imiscuem com sonhos, desejos, fantasias, prazeres. Efetivam-se, assim, interferências radicais na essência do sujeito. Lélia Almeida anota que, em *Espaços íntimos*,

[...] os personagens percorrem [...] destinos comuns, contando-nos de suas histórias anônimas e semelhantes. [...] E talvez [...] os contos [...] tratem da solidão, melancolia, [...] [enfim,] de um sentimento de estar fora do lugar, e onde todos, de alguma maneira, são exilados e estrangeiros, dissociados de suas vidas e de seus verdadeiros desejos.<sup>12</sup>

Empreendem-se gestos articulados com certa turbulência que desorganiza e limita o sujeito, bloqueando seus valores, que se irmanam com a preservação da individualidade e da cidadania. Apresentam-se equívocos e despersonalizações, aspectos interligados com estágios sociais e individuais questionáveis cujos efeitos remeteriam o sujeito a espaços de indefinição existencial, condição semelhante à descrita no universo tematizado por Pierre Bourdieu: “nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o ‘imigrante’ situa-se [...] na fronteira entre o ser e o não-ser social”.<sup>13</sup>

Discutir os equívocos e conflitos decorrentes dos modos de o sujeito viver as categorias do tempo e do espaço apresenta-se também como um dos intentos deste artigo. Pretende-se igualmente observar as modalidades intersubjetivas que se desenham nos espaços-base de narrativas apanhadas como palcos, onde se vivencia a sutil dialética entre valores irmanados com comportamentos sociais convencionais e com valores individuais verdadeiros, às vezes, recalcados. Interações consistentes com o espaço físico, como tal, passíveis de serem olhadas

---

<sup>12</sup> ALMEIDA. Apresentação, p. 8-9.

<sup>13</sup> BOURDIEU. Um analista do inconsciente, p. 11.

como integrantes do universo de referências do sujeito, caracterizam as relações com o “lugar antropológico”, “aquela construção concreta e simbólica do espaço, [...] lugares que se pretendem identitários, relacionais e históricos, [o ‘lugar’ tematizado e qualificado por Marc Augé]”.<sup>14</sup> As relações superficiais e que não desencadeiam vínculos mnemônicos, efetivos e duradouros com o espaço – as vivências – remetem a categoria à condição de “não-lugar”.

O conto “Terapia” – que não será objeto de análise aprofundada aqui – elege as relações com o lugar como importante componente da trama e das interações da protagonista, a Sr.<sup>a</sup> Olson. Travam-se relações não somente com o Outro humano, mas principalmente com um Outro material, no caso, um estabelecimento comumente caracterizado como “não-lugar”, por excelência, – um hospital psiquiátrico. As tentativas de suicídio da Sr.<sup>a</sup> Olson por ingestão maciça de comprimidos, ocorridas sempre no início da noite, intrigam a família e irritam o psiquiatra, principalmente porque não haveria qualquer explicação para o gesto. As investidas são seguidas de internações hospitalares, prática que vai desencadeando na Sr.<sup>a</sup> Olson uma tendência de acomodação e de pacificação, em termos da experiência de certa tranquilidade que passa a ser vivida pela senhora naquele espaço tido como indesejado local de passagem.

Depois de mais um gesto suicida e consequente internação, a Sr.<sup>a</sup> Olson resolve migrar de vez para o sanatório. A preocupação em não continuar criando transtornos para o marido e filhos vai pesar, sobremaneira, na decisão assumida. Instalada no hospital, as visitas dos familiares à Sr.<sup>a</sup> Olson vão escasseando na proporção em que vai ganhando corpo a própria adaptação a seu “lugar”, espaço que vai se tornando promessa de um “lugar relacional” definitivo. Ante a proposta da “alta com um acompanhamento controlado”<sup>15</sup> a Sr.<sup>a</sup> Olson prefere ficar e afirma estar disposta a pagar mais pela permanência ali. Tinha se afeiçoado ao jardim, tinha certo carinho por seu quarto e não sentia saudades da sua família. Configura-se o “lugar relacional” da Sr.<sup>a</sup> Olson. Não por acaso, Marc Augé afirma: “lugar e não-lugar não existem sob uma forma pura: relações se reconstituem nele. O lugar e não-lugar são polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente. [Desenha-se] o jogo embaralhado

---

<sup>14</sup> AUGÉ. *Não-lugares*, p. 51-52.

<sup>15</sup> PERI ROSSI. *Terapia*, p. 99.

da identidade e da relação”.<sup>16</sup> O exílio não deixa de ser uma viagem que pode surpreender. A Sr.<sup>a</sup> Olson empreende um deslocamento muito particular, muito seu, uma sincera e intimista viagem que a inscreve no protagonismo do encontro com o lugar relacional.

Em acordo com a significação dos deslocamentos geográficos propriamente ditos, tão comuns no mundo contemporâneo, observam-se seres deslocados, em trânsito – personagens imigrantes e nativos sem rumo que buscam se instalar ali, no universo daquela After Hours<sup>17</sup> –, danceteria de beira de estrada, atracada ao lado de um posto de gasolina. Eis uma “nau dos insensatos” que, depois de navegar por rodovias da Espanha, teria aportado nas margens de qualquer estrada da região da Castela-Mancha. Fixada ali, a nau vai apresentando os passageiros, todos destituídos de nome próprio, oriundos de locais quaisquer. Sem nome próprio, sem nada que os identifique como cidadãos. Iguale-os, naquele “não-lugar” a condição de indivíduo descentrado. Não causa estranheza tal estado de coisas, uma vez que aquele espaço normalmente se caracteriza por merecer restrições de caráter diverso, condição que o coloca como local de pouso rápido e diminuto, só o tempo de uma noite talvez com uma prostituta. A After Hours seria o “não-lugar”, por excelência, uma vez que, a princípio, a boate não se adequaria ao sentido de construção concreta e simbólica do espaço identitário, em suma, não concederia a oportunidade de criação de vínculos consistentes.

Ao contrário, desenha-se naquele espaço-tempo uma imagem de provisoriedade, de transitoriedade, aspecto que se estende não só aos que pousam rapidamente em busca de supostos prazer e diversão, mas também aos que estão retidos, pois desempenham funções remuneradas que os prendem ali. Fixar-se naquele “não-lugar” não seria um desejo indiscutível. É lógico que as limitações e os estigmas se estendem para as pessoas, também colocadas e tratadas como elementos manipuláveis e reificáveis. Tudo contribui para que o caráter de eventualidade, de efemeridade norteie os contatos regidos, sobretudo, pela impessoalidade. Há um sentido de rejeição, de sobra, de resto, leitura negativa de certa forma possibilitada

---

<sup>16</sup> AUGÉ. *Não-lugares*, p. 74.

<sup>17</sup> After Hours – “tipo de bar-danceteria, localizado nas cidades ou nas estradas, onde são vendidas bebidas alcólicas e é exercida a prostituição. Costuma ficar aberto também durante o dia, daí ser chamado de ‘after hours’” (PERI ROSSI. *After Hours*, p. 14, nota da tradutora).

também pelas reconfigurações geográficas e econômico-sociais lideradas pelos ditames do capitalismo, conforme elaborações de Bauman: “os refugiados, os deslocados, as pessoas em busca de asilo, os migrantes, os *sans papiers* constituem o refugio da globalização”.<sup>18</sup>

No conto “After Hours”, objeto de verticalização, Peri Rossi constrói uma intrigante narrativa em cuja breve ação procede-se ao enfoque, por meio de concisos fragmentos, da aligeirada e precária identificação de naufragos que chegam àquele porto. Apresenta-se aqui a primeira imigrante, o único personagem cujo nome torna-se conhecido, a prostituta romena Nádía; outra imigrante, a prostituta cubana que acaba ficando com o caminhoneiro, talvez espanhol, que bebia cerveja; “a loirinha muito gostosa, nacionalidade imprecisa, mas certamente vinda de algum país miserável, maquiagem exagerada e que dança com três caras”,<sup>19</sup> com os quais ficará no final; “um grandão tosco que cobrou o ingresso”<sup>20</sup> – o leão de chácara da danceteria. Visualiza-se, naqueles poucos personagens, a condição de pessoas remanescentes, residuais. Em nenhum momento percebe-se uma imagem, mínima que seja, de um “nós”, um esboço de identidade que os irmane, ou que pelo menos congregue aqueles seres. A impessoalidade identificada com a qualificação fragmentada e não esclarecedora confirma a dificuldade de comunicação e de entrosamento. O anonimato se articula com certo receio de compartilhamento da própria história, limitações e barreiras diversas que aumentam, sobremaneira, a solidão.

O conto é narrado em terceira pessoa e o fio condutor é direcionado pelo curioso personagem principal, homem espanhol, motorista de um carro de passeio e também destituído de identificação nominal. Compete-lhe refletir e tecer comentários sobre os demais, todos sem voz, exceção feita a Nádía, imigrante romena. Nádía frui e ao mesmo tempo se torna vítima da reconfiguração espacial da Europa, condição que lhe permite sair do falido Leste Europeu, em função também da derrocada do comunismo. Convém dizer que a voz de Nádía vem a ser somente a rápida e imprecisa emissão do nome próprio, o que acontece com a dificuldade de quem ainda não domina o idioma do país para onde migrou. Tudo e todos chegam ao leitor via percepção e análises do motorista espanhol,

---

<sup>18</sup> BAUMAN. *Vidas desperdiçadas*, p. 76.

<sup>19</sup> PERI ROSSI. *After Hours*, p. 15.

<sup>20</sup> PERI ROSSI. *After Hours*, p. 15.

a última pessoa a chegar à danceteria naquele início de noite. O conto destoa no referente aos focos narrativos habituais. Nesse sentido, não se desenha, por exemplo, a condução dos fatos e relatos liderados pelo personagem narrador, foco de primeira pessoa, como a princípio poderia parecer. Na verdade, o enunciador faz com que os acontecimentos se manifestem na mente do personagem, o intrigante motorista, valendo-se da chamada “técnica do refletor”. Trata-se do mecanismo que faz com que a consciência do personagem reflita sobre tudo e assumo o relato, enquanto o enunciador, o verdadeiro narrador e condutor do processo narrativo busca se resguardar.

O motorista, 50 anos, entrega-se a pensamentos ligados a um desalentado balanço de vida voltado para o sentido do próprio fracasso, em termos da não conquista da independência econômica, da não realização das pretensões artísticas e da vida familiar desagregada e difícil; é separado da mulher e filhos com os quais nunca teve relações amorosas engrandecedoras. Essas são reflexões ligadas a questões objetivas, concretas, por assim dizer. Ocorre que talvez seja ele o passageiro mais sem rumo, mais enredado nos próprios conflitos, mais desancorado naquele “não-lugar”. As mulheres louras sempre foram sua preferência, e a ruiva romena, Nádia, é a única mulher desacompanhada. Ao identificá-la como oriunda do Leste Europeu, o motorista mergulha em conjecturas a respeito da condição de mulher romena capturada pela máfia russa. Nádia teria rompido as fronteiras do atraso do Oriente Europeu ao migrar para os países ocidentais, onde por ironia vai sobreviver como prostituta.

Impressiona ao motorista, sobretudo, a suposta nostalgia que ela carrega no olhar, nostalgia, como se verá, profundamente experimentada por ele. O álcool excita, anima, mas o sentimento presente no olhar da romena o inquieta mais. Nádia se apresentaria como um Outro especial, ensejo que abriria uma possibilidade de alguém que com ele se identificasse, alguém com quem ele pudesse compartilhar a solidão de melancólico – na verdade, a solidão de quem não tem morada, não encontra abrigo em si próprio –, a mais sofrida e profunda atopia. O peso de tal atopia se intensifica e se agrava na medida em que há a frustração da suposta veia artística. O melancólico encontraria na criação uma saída para seu vazio interior.

O motorista vivencia o estranhamento e a dificuldade de inserção na After Hours, uma vez que tudo ali aguça fortemente os costumeiros questionamentos ante os modos e jeitos como o dia a dia, enfim, como a

vida se apresenta, como ela se conforma, como as pessoas lutam, pois, antes de tudo, importa sobreviver. Como melancólico, ele vive o incisivo sentimento de perda, embora não haja consciência do que foi subtraído e do que concretamente desencadeia os desalentos, as dificuldades e até mesmo a recusa em afastar-se da dor que tanto o atormenta. Há, assim, a identificação com o objeto da perda, o qual é assimilado, incorporado pelo sujeito melancólico. Segundo Tereza Pinheiro, em relação a essa falta pode-se ter uma certeza: “a de que foi perdida a própria possibilidade da subjetividade se constituir dialeticamente”.<sup>21</sup> A centralização exagerada em si pode atrapalhar o deslocamento para o Outro. Ganham relevo imagens da solidão da própria subjetividade de que decorreria a comunicabilidade precária com o Outro. O motorista experimentaria embaraços ante o deslinde dos próprios meandros, amarras que transtornariam as relações com o Outro, com a vida, com o mundo e desencadeariam os constantes questionamentos do cotidiano mais banal.

A inadaptação e os obstáculos que dificultam a entrada por inteiro no ambiente da *After Hours* guardam estreitas relações com estranhamentos mais profundos que o remetem a perplexidades diuturnas. Tais irresoluções se manifestam igualmente nas suas relações e modos de viver as instâncias do tempo e do espaço. O motorista experimenta um desterro mais profundo, pois que interfere, de modo destrutivo, não apenas nas possibilidades de saída das próprias demandas, como também atua, de modo negativo, em energias saudáveis que facultariam expectativas de um porvir libertador. Paloma Vidal refere-se a estágios de exílios que dificultam qualquer escape pelo viés do tempo-espaço utópico: “no exílio, a utopia, esse espaço futuro de redenção do presente, cede lugar à atopia, um não-lugar que congela o tempo [...] O exílio é esse lugar qualquer onde realidade e irreabilidade se tocam”.<sup>22</sup>

Não tomada por tantas dúvidas e perplexidades, e possivelmente com a convicção de que se exilou para sobreviver, Nádia sente que deve começar as atividades, assumindo a iniciativa de abrir a braguilha da calça, procedimento que ele intercepta. Preferia olhar para ela: “era linda. [...] Lânguida, sem perversão, [...] elegância natural cuja origem devia estar no passado”.<sup>23</sup> Depois de mais alguns uísques e com as

---

<sup>21</sup> PINHEIRO. *Trauma e melancolia*, p. 53.

<sup>22</sup> VIDAL. *A história em seus restos*, p. 45.

<sup>23</sup> PERI ROSSI. *After Hours*, p. 18.

interrogações e culpas sobre a prostituição, desemprego, exploração econômica, a máfia russa e suas promessas enganosas, entre outros, neutralizadas e arrefecidas, ele faz questão de que Nádia ouça “A Internacional”, música que tinha no celular. Ela teria nascido depois da queda do muro de Berlim ou nunca a ouvira, porque não reconheceu, reflete ele. Ela tem uma proposta bem mais objetiva: “eu tenho um lugar aonde ir”;<sup>24</sup> ele aderiu ao oportuno convite e foram, contanto que não houvesse novas investidas da parte dela. O quarto imundo é o espaço onde mais se aguçam as reflexões e a curiosidade sobre a tristeza e a vaga nostalgia dos lindos olhos azuis da romena. O local é também o espaço-momento em que ganham relevo as próprias fantasias voltadas para a libertação de ambos do mundo mesquinho em que viviam. Eles migrariam para Constança, cidade romena na qual ela nascera. Instalar-se-ia o tempo-espaço de tranquilidade no qual a constante audição de “A Internacional” – canção-símbolo do socialismo – desanuviaria a nostalgia dos olhos azuis da romena.

Observando-se as fantasias identificadas como uma saída via retorno a um tempo passado, simbolizado em “A Internacional” e pelo contato com o universo a que a canção remeteria, desenham-se supostas promessas lastreadas não somente na utopia socialista, mas, sobretudo, no contato com o tempo-espaço da própria juventude. Comparando-se com o presente, sem dúvida, foi no passado que ele vivera um momento determinante e significativo, energia que agora cutuca e revolve o presente enfadonho, desprovido de encantamento e encenado num mundo igualmente descolorido. A representação de si mesmo como alguém sem futuro expõe as relações inconsistentes com a vida em geral e indiciam e clarificam componentes da melancolia do protagonista, especialmente na relação com o tempo. O atrelamento da libido ao passado e ao que foi congelado na fantasia idealizadora, além do alheamento e do desinteresse em relação à vida presente colocam o motorista diante dos impasses que se refletem nas densas perplexidades que povoam seu universo. Nostalgicamente, ocupa os “espaços íntimos” do motorista o desejo de reencontro com o tempo da juventude, época emblemática pela canção. Elaborando formulações de Kant, Julia Kristeva afirma que o nostálgico não almeja o lugar da sua juventude, mas sua própria juventude; seu desejo está na busca do tempo e não da

---

<sup>24</sup> PERI ROSSI. *After Hours*, p. 19.

coisa a ser reencontrada.<sup>25</sup> Entregue a essas fantasias, ou melhor, a esses delírios, o motorista adormece.

As práticas sociais naquele mundo de exclusão seriam movidas pelo comércio de bens e de valores morais, universo no qual o reinado do bem simbólico de negociação mais intensa e imediata – o dinheiro – pode caminhar lado a lado com a marginalidade. Ante a premência do gesto de agressão, o motorista acorda de vez do reino das fantasias da juventude distante e das utopias identificadas com outro momento, com outro lugar. De repente, o que se esboça ali é a barbárie, a violência física e moral. E ele se vê jogado na área externa, sem o celular, com duas costelas quebradas, “a cara feito um pudim, [...] após ser avisado de nem pensar em chamar a polícia ou em procurar a eslavinha”.<sup>26</sup> A romena some e o grandalhão tosco e grosso, o segurança, ali, impassível na sua expressão de quem se acostumou com a rotina de brutalidade e humilhação. Ao constatar que os agressores tinham saído, enquanto “tentava parar o sangue do nariz, teve a sensação de ouvir, ao longe, os compassos de ‘A Internacional’”.<sup>27</sup> Conforme elaborações de Paloma Vidal, “o exílio é esse lugar qualquer onde realidade e irreabilidade se tocam. E onde a existência das pessoas fica suspensa como num sonho.”<sup>28</sup> Ironia e perplexidade melancólicas, as companheiras de sempre, não poderiam jamais estar ausentes ali naquele momento.

### Considerações finais

Os novos modos de compreensão e as novas tomadas de consciência da realidade, aspectos que também interessam à literatura atual, têm-se detido igualmente nos crescentes obstáculos que dificultam, quando não interditam, as interações das subjetividades. Isso não representaria grande novidade se não houvesse uma tendência de se focalizar tais empecilhos como mais uma faceta dos movimentos migratórios, talvez a mais bloqueante, talvez o interdito que cause dores mais profundas. Os discursos literários expressam seus valores construtivos ao mesmo tempo que os intuítos neorrealistas da literatura atual apontam também as

---

<sup>25</sup> KRISTEVA. *Sol negro*, p. 61-62.

<sup>26</sup> PERI ROSSI. *After Hours*, p. 21.

<sup>27</sup> PERI ROSSI. *After Hours*, p. 21.

<sup>28</sup> VIDAL. *A história em seus restos*, p. 45.

incertezas e fragilidades do sujeito contemporâneo, diante não somente de deslocamentos migratórios geográficos. Empreendem-se gestos que deixam cicatrizes, nítidos traços de outros desterros que demandam novas formas de manifestação literária.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Mikastro Honesko. 1. reimpr. Chapecó, SC: Argos, 2010.

ALMEIDA, Lélia. Apresentação. In: PERI ROSSI, Cristina. *Espaços íntimos*. Tradução de Adriana Carina Camacho Álvarez. Rio de Janeiro: Gradiva, 2017. p. 7-11.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 6. ed. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 9-12.

CALLIGARIS, Contardo. Apresentação. In: MELMAN, Charles. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Tradução de Rosane Pereira. São Paulo: Escuta, 1992. p. 9-13.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MARGATO, Izabel. Apresentação. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *Novos realismos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 9-12.

MELMAN, Charles. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Tradução de Rosane Pereira. São Paulo: Escuta, 1992.

PERI ROSSI, Cristina. After Hours. In: \_\_\_\_\_. *Espaços íntimos*. Tradução de Adriana Carina Camacho Álvarez. Rio de Janeiro: Gradiva, 2017. p. 13-21.

PERI ROSSI, Cristina. Terapia. In: \_\_\_\_\_. *Espaços íntimos*. Tradução de Adriana Carina Camacho Álvarez. Rio de Janeiro: Gradiva, 2017. p. 84-99.

PINHEIRO, Tereza. Trauma e melancolia. *Percurso: Dossier Ferenczi*, São Paulo, ano 6, n. 10, p. 50-53, 1993.

ROUANET, Sérgio Paulo. Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004..

Recebido em: 28 de janeiro de 2018.

Aprovado em: 9 de abril de 2018